

Paloma Díaz-Mas

# O Que Aprendemos com os Gatos

Tradução de Margarida Amado Acosta

## A um cavaleiro que chorou com a esposa uma pequena perda

Passaram pelas nossas vidas cautelosos,  
como quem anda sobre almofadas de algodão,  
capazes de andar sobre vidro sem o partir,  
de roçar um copo sem derramar uma só gota.  
Sabem escolher, no verão, a sombra mais fresca  
e, no inverno, o calor dos nossos corpos adormecidos.  
Caminhavam pela casa semeando uma esteira  
de inapreensíveis fios de ouro ou madreperla.  
Quantas vezes nos roubaram o lugar,  
que era também o seu preferido,  
e nós, reis destronados e enormes,  
fomos acomodar-nos – por assim dizer –  
no mais incómodo assento da casa.  
Quantas vezes sossegaram a nossa angústia  
com esse rumor que lhes vibra na garganta.  
Demos-lhe tudo o que quiseram,  
e eles aceitaram  
com a majestade de quem nada pediu.  
E, por vezes, assaltava-nos a estranheza  
de termos aberto a casa a uma fera terrível,  
uma fera munida de garras e de dentes que,  
com uma língua de lixa, alisa a sua seda ao sol.

Por fim morreram:  
apenas um suspiro,  
e deles restou um farrapo de pele macia, quase nada,  
sigilosos e dignos  
na morte como na vida.  
Assim foram os nossos gatos,  
e mesmo agora,  
muitos meses depois,  
de vez em quando  
encontramos  
um pequeno pelo de seda nas nossas roupas.

ESTEBAN VILLEGAS, *Vida cotidiana*, 1995

Um gato



NA CAMISOLA PRETA QUE ACABO DE VESTIR encontrei um, dois fiozinhos de ouro. Tomo um deles entre os dedos – não é fácil porque, apesar da sua delicadeza, a fibra adere com força à lã da camisola como se estivesse entrelaçada nela – e observo-o. Se a minha vista fosse melhor ou se pudesse observá-lo com uma lente de aumento sei que o veria com toda a nitidez: a fibra dourada não possui uma só cor, mas três tons, louro dourado escuro, branco e, entre um e outro, uma suave cor creme tão delicada que é difícil distingui-la. São as riscas da Tris-Tras, que morreu há já quatro meses. A sua capa de gato europeu dourado aparentava ser feita de pelos de várias cores quando, na verdade, cada um dos seus pelinhos repetia, em miniatura, o desenho da pele do gato inteiro.

Volta e meia ainda encontramos vestígios dela pela casa: um pelo agarrado à nossa roupa ou que aparece numa almofada do cadeirão; o rasgão que fez com as unhas na melhor colcha da nossa cama, uma colcha que ela amarfanhava como quem munge, antes de dar duas voltas sobre si mesma e se refastelar na zona mais confortável; a aparente sujidade da parte baixa da mesa era a marca da oleosidade do pelo dela e, de repente, lembramo-nos de como esfregava

a bochecha, o pescoço e o lombo na perna do móvel, marcando o território que considerava seu, um território no qual vivíamos de favor, como hóspedes bem-vindos ou, melhor dizendo, bem tolerados.

A primeira vez que isto aconteceu foi durante uma viagem transatlântica. Cheguei ao hotel de tarde, aproximadamente à mesma hora a que saíra do aeroporto de origem (o avião lutara infrutiferamente contra os fusos horários e encontrávamo-nos no mesmo ponto de partida de um dia longuíssimo) e, ao abrir a mala, a primeira coisa que vi foi um fio de ouro incrustado no meio da lapela do fato que tencionava levar à reunião de trabalho mais formal da minha estada. Pareceu-me engraçado que a Tris-Tras, que ficara em casa, me tivesse acompanhado até ao outro lado do oceano, representada por aquele fio que parecia de seda. Peguei no pequeno filamento e depusitei-o com cuidado numa das dobras dos grossos cortinados de cretone que fechavam a janela: queria deixar ali aquela recordação de um animal que nunca lá estivera nem estaria, uma presença virtual. Talvez ainda continue no mesmo sítio.

Ao longo dos anos fomos semeando o mundo com ínfimos rastros da Tris-Tras. Transportámo-los sem darmos por eles e disseminámo-los nos aviões, comboios e autocarros, no nosso carro, na rua, nas lojas, nos assentos dos cinemas e nos sofás das casas dos nossos amigos. E, de lá, um exército de desconhecidos levou-os consigo sem saber, até muito longe, para lugares onde nunca estivemos. Alguns fios dourados chegaram ao mar, outros perderam-se nos bosques por cujos caminhos passaram os seus portadores. Os fios sedosos – cada um dos quais subtilmente tricolor, como se

tivesse sido tingido de propósito – ter-se-ão espalhado por recantos longínquos de um mundo globalizado. É o que resta da Tris-Tras, agora que já não está entre nós. Um animal que partiu deixando o mundo repleto de pelos.

Continuamos a repetir, sem querer, os velhos gestos, agora desnecessários: deixávamos todas as portas ligeiramente entreabertas para que a Tris-Tras pudesse circular à vontade pela casa, porque os gatos não suportam estar fechados entre quatro paredes. Tínhamos o cuidado de fechar bem as janelas, não fosse ela precipitar-se desde um segundo andar, como aconteceu uma vez. E sentimos um aperto no coração quando nos lembramos de que, agora, já podemos abrir as janelas de par em par: essa nossa liberdade recentemente adquirida deixa-nos uma sensação de vazio e um travo amargo. À hora do costume pensamos «Tenho de dar-lhe comida e água limpa», para logo a seguir nos lembrarmos de que já não há que dar de comer e de beber a ninguém. E, por vezes, quando passamos à porta de uma divisão, espreitamos para procurar a gata, que já não está cá.

Morreu com a dignidade com que sabem morrer os animais. Delicada como era, teve a consideração de morrer um dia em que estávamos todos em casa: e não num de tantos dias habituais em que ambos saíamos para trabalhar e a Tris-Tras ficava sozinha, desfrutando das múltiplas almofadas, cadeirões e tapetes ao seu serviço. Teria sido muito doloroso regressar a casa do trabalho e encontrá-la doente, agonizante ou talvez morta. Não: morreu num sábado de



manhã, dando-nos tempo para nos despedirmos dela e para a vermos partir.

Passara a noite anterior como sempre, a brincar conosco – uma velha gata que ainda era capaz de brincar, que perseguia fiozinhos pelo tapete ou desfiava vigorosamente os tecidos, afiando as unhas em todos os cadeirões –, comera e bebera como num dia qualquer e aninhara-se no nosso regaço enquanto descansávamos sentados no sofá. Estranhá-mos que, quando nos levantámos e subimos as persianas, não aparecesse, como sempre, para cumprimentar o sol com miadelas entusiastas. Procurámo-la e encontrámo-la escondida debaixo de uma mesa, de olhos fechados e com uma fragilidade de morte; contrariamente ao seu pulcro costume, tinha feito as suas necessidades no tapete.

Quando a tirámos de lá mal se tinha nas patas, e quase a arrastar-se foi procurar outro canto escuro. Mau sinal: os animais escondem-se para morrer, como se soubessem que se morre sozinho e que, nesse momento, o melhor é evitar toda companhia.

Pegámos-lhe ao colo para a metermos dentro da transportadora e mal pesava, o seu corpinho peludo tinha a consistência de um desses horríveis adornos de pele que, em tempos, as senhoras usavam à volta do pescoço: um bicho morto e curtido – visom, marta ou raposa – com olhos de vidro que, incompreensivelmente, se usava como enfeite.

Deixou-se introduzir na transportadora passivamente, sem resistir como outras vezes, e ocultou-se no fundo como se quisesse esconder-se. Durante o tempo de espera no consultório do veterinário pareceu espevitar um pouco: virou-se e olhou para nós com uma estranha serenidade através das grades, e chegou a miar com energia – com a energia habitual: um miado autoritário e exigente –, como quem

pedia que a tirássemos de lá. Um cão com a pata engessada aproximou-se para farejar, mas depressa foi puxado pela dona. Nós aguardávamos com um aperto no coração e não sabíamos de que tínhamos mais receio: de que esse fosse o dia da sua morte ou o início de um calvário de tratamentos, operações e curativos para morrer uns dias, semanas ou meses depois. Um animal assim tão velho tem poucas oportunidades.

O veterinário mal teve tempo de observá-la superficialmente, aventurando o diagnóstico de um tumor no ventre que apalpou, sob a camada de pele ainda espessa e sedosa, apesar da idade. Enquanto esperava que lhe fizessem uns exames, começou a ter convulsões. Não havia nada a fazer. O papel que assinámos, entre lágrimas, era uma «Autorização de eutanásia compassiva».

Deram-nos a escolher entre irmos embora, deixando-a entregue às mãos piadosas do veterinário, ou ficarmos até ao final. Optámos por ficar, ainda não sei se para lhe proporcionarmos uma impossível companhia no momento da morte ou para não ficarmos com a incerteza de como teria sido esse seu último instante, o que lhe fizeram.

Foi tudo fácil: uma punção venosa para lhe administrar, primeiro, um sedativo (estava tão fraca, tão incapaz de se apoiar nas patas, que escorregava sobre a superfície polida de aço inoxidável da mesa de operações e a patinha onde tinha a agulha espetada ficou numa posição inverosímil, como se fosse um peluche desengonçado), um ligeiro vômito da comida que lhe déramos na noite anterior sem sabermos que era a sua última refeição, uma injeção e nada mais. Nem sequer um suspiro, um estertor ou um movimento, apenas um pequeno esguicho dourado de xixi que brotou suavemente e alastrou até à maca. O veterinário,

profissional, auscultou o corpinho que jazia na mesa de operações de barriga para baixo numa posição semelhante à que adotava para se refrescar no verão quando o calor apertava. «Não ouço o coração, já está», disse-nos. Acariciámo-la e olhámos para ela pela última vez: parecia um trapinho molhado, mas os seus olhos abertos tinham a mesma expressão e a mesma cor de âmbar de sempre, ainda não turvada pela morte.

Apesar das lágrimas, não conseguimos evitar pensar em que uma morte assim, tão fácil, era a mesma que haveríamos de querer para nós algum dia.

De regresso a casa tivemos de arrumar, lavar e empacotar as coisas dela para as guardarmos na arrecadação. A lavagem ia adquirindo um sentido ritual, de rito de passagem, como se a água lustral da torneira, à medida que corria, tivesse o poder purificador de partir levando com ela a nossa mágoa.

Em todos os recantos da casa encontrámos coisas dela, nunca pensámos que fossem tantas. Convencemo-nos de que os animais não possuem nada, de que tudo o que têm é nosso, mas nessa altura apercebemo-nos de que sucede precisamente o contrário: muitas das coisas que julgamos nossas são, na verdade, deles, e a partir do momento em que começam a usá-las deixam de ter qualquer utilidade para nós.

Os historiadores valem-se dos testamentos e dos inventários de bens *post-mortem* conservados nos arquivos notariais para estudar a vida quotidiana na Idade Média ou nos séculos XVI e XVII. Quando, num inventário dos bens de um artesão ou de um comerciante constar, entre outras coisas, «uma camisa de pano de linho empregada» (ou seja,

usada), «um alguidar de barro lascado», «um pedaço de cobertor de lã» ou «uma chave grande de ferro», a enumeração desses pequenos objetos velhos, gastos ou aparentemente inservíveis transporta-nos para uma sociedade na qual as coisas não eram de usar e deitar fora. Pelo contrário, mesmo entre as pessoas que viviam rodeadas de um certo conforto, a roupa e os utensílios eram aproveitados até caírem aos pedaços, guardando-se e, inclusivamente, herdando-se objetos que hoje em dia consideraríamos inúteis.

O inventário dos bens da Tris-Tras informa, indiretamente, da vida quotidiana e dos usos e costumes de um gato pertencente a uma família de classe média da Europa Ocidental no dealbar do século XXI. Contém os seguintes utensílios:

- ◆ Uma caixa de areia para as necessidades fisiológicas do gato.
- ◆ Uma pазinha de plástico para apanhar dejetos da areia.
- ◆ Um saco de areia para gatos meio cheio.
- ◆ Um pacote de ração para gatos acabado de abrir.
- ◆ Um tubo de malte para gatos para evitar a formação de bolas de pelo no estômago.
- ◆ Uma transportadora de tamanho médio (que ela detestava porque só servia para coisas horríveis: para ir ao veterinário ou para viajar de carro; foi nessa caixa, também, que fez a sua derradeira viagem).
- ◆ Um comedouro amarelo de plástico em forma de malga, com dezoito anos de antiguidade.
- ◆ Uma chávena de cerâmica azul que fazia as vezes de bebedouro (era demasiado fina e não gostava de beber água em recipientes de plástico).